

LIBERTAÇÃO DA NATUREZA?

(Por Ocasão do Centenário de Nascimento de E. Bloch: 1885-1985)

Luiz Bicca

Nos dias de hoje, aos poucos generaliza-se a consciência de que o modo predominante do homem relacionar-se com a natureza exterior encerra um potencial destrutivo capaz de por em risco seriamente as múltiplas formas de vida no mundo. Aos problemas ocasionados pela predação capitalista da natureza externa acrescentam-se os males específicos da natureza interna, humana: as diversas disfunções psíquicas e orgânicas diretamente relacionadas com essas apropriações histórico-sociais da matéria física, essas tão imponentes quanto ameaçadoras realizações técnicas que são os modernos processos de trabalho.

Permanece um mérito incontestável de Marx o haver demonstrado que, nas sociedades civis modernas, não são quaisquer "necessidades naturais", fatores físico-geográficos, ou outras razões no gênero, que são os determinantes de tal modo de ser no mundo, mas, antes de tudo, o capital. Do ponto de vista deste agente impessoal, relacional, a natureza é apenas abstrata — e negativamente determinada. Paralelamente ao desenvolvimento capitalista realiza-se no espírito a tendência para a universalização da abstração: forma-se, portanto, diante da natureza e dos indivíduos no trabalho, uma atitude genérica caracterizada também por uma *indiferença* essencial — já que este objetivo se impõe cada vez mais (objetivo igualmente abstrato em relação aos homens): a acumulação do valor, processo sem fim de desenvolvimento quantitativo, ou melhor, que tornou-se fim em si mesmo. Nesta lógica, assim como o valor de uso é mero "suporte" para o valor de troca, a natureza nada mais é que reserva de materiais e energias (junto com a força de trabalho, a natureza em figura humana) à disposição da formação de valor — aspecto abstraído e divinizado, segundo o qual o predar, destruir, espoliar, são sem importância ou, na melhor das hipóteses, secundários.

A forma, dentro de que se concretiza essa relação de pilhagem do

meio ambiente ("onde se destrói em pouco tempo o que a natureza levou milhões de anos para construir" — Bloch) e das personalidades, é a delineada pela racionalidade puramente instrumentalista das modernas ciências da natureza e do universo técnico que lhes é correlato. De um modo geral, não é propósito das críticas à ciência moderna investir contra seu valor intrínseco de verdade, contra uma eventual falsidade de descobertas; pelo contrário, *esta* verdade é admitida, pressuposta, pois o tipo de preocupação de que se trata significa incorrer por outros domínios e indagar pela suficiência dessa espécie de saber para a satisfação das diversas necessidades humanas, para aquele desenvolvimento concreto, amplo, dos indivíduos, sonho que acompanhou a gênese da ciência moderna. Mas, ao dizer isso, não pretendo introduzir o que poderia ser um balanço das tentativas de crítica da razão instrumental (a própria história da "Escola de Frankfurt" é, em grande parte, história de um projeto crítico de tal espécie). O interesse, aqui, é de chamar atenção para um esforço filosófico convergente com o da "kritische Theorie" dos frankfurtianos, porém menos conhecido e até mesmo solitário em suas conclusões e propostas de reflexão: o de Ernst Bloch em sua filosofia da natureza.

Quais seriam os traços fundamentais de um mundo melhor no que se refere à técnica, à relação ativa do homem para com a natureza? Como é possível uma outra atitude em face da natureza, um comportamento não-predatório? Para Bloch, o começo de uma resposta a perguntas assim já se localiza na maneira de se conceber a natureza física, a matéria; de saída, rompendo com a abstração das modernas representações da natureza, onde esta é somente "natura naturata", universo de materiais sem vida, mera objetividade universal, cujos aspectos qualitativos não contam. (Acusar tal "necrofilia básica" da ciência e da técnica modernas é, aliás, outro ponto em comum com Adorno/Horkheimer, que, por exemplo, na "Dialética do Esclarecimento" referem-se à racionalidade instrumentalista como uma "adequação a algo morto").

Bloch, no entender de quem o marxismo possui uma "Crítica da Razão Pura" para a qual uma "Crítica da Razão Prática" ainda não foi escrita, toma uma referência kantiana decisiva para sua filosofia. Como ressalta seu discípulo e antigo assistente Eberhard Braun, Bloch faz da terceira questão crítica, "O que me é permitido esperar?" ("Was darf ich hoffen?"), uma pergunta estratégica, programática, de seu pensar. Para o que nos interessa aqui basta lembrar que a reflexão sobre a natureza e a matéria se coloca sob a égide deste questionamento fundamental. O ser natural emerge assim relacionado à esperan-

ça humana, é pensando também em perspectiva utópica "entelequial". Com isso, assenta-se a idéia de se pensar a própria natureza como inacabada: a realidade é ainda em processo, "em possibilidade" — possibilidade que funciona à semelhança, digamos, de uma charneira ontológica, já que o propósito do autor é colocar em correspondência o lógica — e o realmente possível.

Perguntas utópico-concretas, como as acima indicadas, cabem numa crítica da técnica moderna que não deseja parar ao nível da simples rejeição do existente, propondo-se a pensar as possibilidades reais de outro modo de ser inseridas na atualidade: "Um marxismo da técnica, se alguma vez for pensado até as últimas conseqüências (*durchdenken*), não será nenhuma filantropia para metais mutilados, mas antes o fim da ingênua transferência do ponto de vista do explorador, do domador, para a natureza. A vinculação — que se compreendeu, apesar de todas as diferenças, haver — do modo burguês do homem se relacionar com o homem ao modo dele se relacionar com a natureza ainda não supera a alienação técnica da natureza, quando muito sua boa consciência". (*Prinzip Hoffnung* — no que se segue PH — p. 813). Esta última preocupação pode ser encarada como motivo coadjuvante daquela que movia Bloch quando empreendeu a extensa análise das utopias técnicas no "*Prinzip Hoffnung*": inventariar os valores e os pressupostos centrais de uma filosofia da natureza que apresentasse alternativas para a superação da unilateralidade dos modernos saberes sobre a natureza e de suas conseqüentes aplicações. Sem dúvida, muito se sonhou no âmbito dos meios e modos de se aliviar até suprimir o "trabalho-constrangimento". Magias e alquimias da Idade Média e da Renascença estavam povoadas de representações fantásticas com este sentido. Alquimia e quiliismo caminhavam, com freqüência, juntos no pensamento de diversas seitas herméticas, e até algumas utopias sociais não deixam de manifestar concepções comuns da mística e da alquimia — Joaquim da Fiore e Thomas Morus sendo dois exemplos especialmente lembrados. O que se buscava através de pensamentos dessa espécie? Não somente aquele lado mais notório, da simples transformação de matérias, mas ainda transformar a própria consciência, com o intuito de efetuar uma união com a matéria, aspecto muito mais importante, cujo caráter essencial só se desvela, se se dedica atenção particular às representações estéticas, morais e religiosas justapostas aos conceitos mais propriamente físicos.

Com o início da Idade Moderna opera-se gradativamente uma profunda mudança na atitude intelectual em relação à natureza. A fantasia técnica é particularmente estimulada e incentivada, na medida das in-

cumbências e solicitações que acompanham a expansão da mentalidade de trocas e ganhos do capitalismo nascente. O apoio à investigação se desloca no sentido daqueles novos experimentadores, cuja conduta já revelava o espírito de toda uma nova era face à natureza. Saber é poder, enunciava Francis Bacon nos primórdios da modernidade, antecipando em sua *Nova Atlantis*, como bem o mostra Bloch, inúmeras das maravilhas científicas e técnicas que configurarão o modo capitalista de mediar-se com a matéria: pelo saber *astucioso*, que converte obediência em dominação. Esta idéia regula o processo de homogeneização da natureza operado pela ciência puramente quantificadora. A partir deste ponto a reflexão sobre o mundo físico abandona o conceito de uma *natura naturans*, abdica de qualquer incursão intelectual acerca da existência de um agente produtivo natural: "Faz parte da física mecânica o limitar-se a começos isoladamente considerados, e dela faz parte mais ainda que, por sobre o produto de suas relações, seja esquecida a relação originária de produzir". (PH, p. 805).

Contra esta técnica abstrata, a técnica-astúcia aparentada com o impulso de lucro, cujo modo de ser é a perpétua hostilidade diante da natureza, Bloch interessa-se por pensar uma inversão de perspectiva: propõe, por conseguinte, um esforço intelectual no sentido de uma "técnica em aliança", que liberte as supostas forças formadoras naturais desse congelamento imposto pela disposição do pensar característica das abstrações da ciência moderna, ressaltando sempre a vinculação deste último com a finalidade de preparar na história aquele *Ultimum*, o "reino da liberdade", como única morada no mundo à altura da essência da espécie humana. Bloch insiste que uma relação técnica liberadora da produtividade natural deve necessariamente ser parte integrante do projeto emancipatório universal; nesse sentido, comenta com grande lucidez, em duas passagens, (aliás em interessante convergência com outra manifestação filosófica do espírito da "República de Weimar": Heidegger), o encobrimento do ser da natureza precisamente através da superposição perpetrada pela técnica moderna. Primeiro ilustra: "Nossa técnica, até agora, situa-se na natureza como um exército de ocupação em território inimigo, ela nada sabe sobre o íntimo da região, a matéria da coisa lhe é transcendente". (PH, p. 814). Mais adiante reflete criticamente acerca do sentido de um monumento erigido à memória do químico Bunsen em Heidelberg. Central nele são as formas de um gigante acorrentado, compondo um todo de significação com uma figura velada, coberta de mulher. Segundo Bloch, não poderia haver aqui melhor combinação alegórica que os grilhões e o véu, pois ali onde triunfantemente se quis fazer ver a

natureza lado a lado com sua fúria subjugada, indicou-se a medida mesma de nossa ignorância sobre ela.

Pelo já mencionado, apenas, percebe-se que a proposta de uma "técnica em aliança", essa antecipação de um comportamento humano livre de dominação face à natureza, é, como crítica da moderna razão instrumental, bastante discutível e não menos problemática que as alternativas de crítica inspiradas por Heidegger ou por Horkheimer e Adorno. A filosofia blochiana da natureza aponta para a possibilidade de uma aliança entre humanidade emancipada e natureza em ressurreição. Para tanto, a própria técnica teria de transformar-se em reconciliadora, mais ainda, os próprios princípios de procedimento — as modernas "construções de objetos" — cederiam lugar a uma busca de co-produtividade. Não acreditando no acabamento da natureza, na insuperabilidade da *natura naturata*, Bloch sublinha o papel fundamental que a vontade humana reeducada teria em processos de intervenção no mundo, desta feita voltados para a mediação com os processos naturais.

Bloch acopla sua teoria da "matéria-em-possibilidade", da matéria que se dá ou é capaz de providenciar suas formas, à idéia kantiana de uma teleologia interna, própria da natureza, por meio de que uma causalidade final é pensada, suplementando as explicações de fato disponíveis: as da causalidade mecânica. Evidentemente, a reflexão blochiana avança para além das pretensões meramente regulativas da intenção crítica de Kant (conquanto se possa perguntar em que medida tentações especulativas posteriores não acabaram sendo alimentadas pelo próprio Kant, independentemente do aspecto pessoal de seu propósito). Curiosamente, esta filosofia da natureza que se pretende materialista recupera conceitos como o de *natura naturans* (Bruno, Spinoza) e sua extensão na filosofia do romantismo, o "sujeito da natureza" de Schelling. Para além do motivo kantiano buscou apoiar-se de modo decisivo em autores da tradição do idealismo alemão como este último e também Hegel.

Tudo isso permite que se levante uma questão: em que medida, ao pensar a matéria, mais do que como realidade, essencialmente como possibilidade, Bloch não estabeleceu uma lógica evolutiva para seu pensamento que o levaria muito mais rumo a um idealismo filosófico do que a uma postura materialista? É difícil crer que lhe possa ter escapado o caráter dessa verdadeira unidade entre realidade e possibilidade, que sua filosofia efetua. Mas, ao indagar pelo idealismo de Bloch não pretendo de modo algum apontar deméritos em seu pensa-

mento. Pelo contrário, apenas mostrar que se deve levar a sério uma afirmação de sua história do materialismo, segundo a qual se aprende muito mais sobre a matéria em idealistas, como Kant, Hegel ou Schelling, assim como se descobre mais sobre as coisas do espírito em materialistas como Freud e Marx.